



Elvis Presley: Memória, Dialogismo e Mdiatização¹

Bianca Costa de OLIVEIRA²
Laura Papi NOGUEIRA³
Amanda Penna Gonçalves FERRAZ⁴
Lucas Souza da SILVA⁵
Luiz Augusto RAMOS⁶
Conrado Moreira MENDES (orientador)⁷

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas, MG

RESUMO

O propósito deste artigo é compreender a relação entre os conceitos de dialogismo, midiática e memória, a partir da trajetória pública de Elvis Presley. Num primeiro momento, apresentam-se tais conceitos para depois aplicá-los nas análises do *corpus*, o qual se compõe de matérias jornalísticas publicadas na imprensa brasileira após a morte do cantor. A relação dialógica, como também a ação da mídia, permite visualizar as estratégias discursivas de manutenção da memória em torno de Elvis Presley.

PALAVRAS-CHAVE: Elvis Presley; midiática; memória; dialogismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se debruça sobre a trajetória pública de Elvis Presley. O cantor é considerado o Rei do Rock em todo o mundo, mesmo 42 anos após a sua morte. Para tanto, foi acionado o conceito de memória, articulando-o com os de dialogismo e o de midiática. Ao relacionar tais conceitos, buscamos depreender de

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. E-mail: biancadeoliveira91@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. E-mail: lpapinogueira@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. E-mail: amandaferraz_2005@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. E-mail: procurandolucas@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. E-mail: gugalead@hotmail.com

⁷ Professor da PUC Minas. Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br



que forma se constrói a memória em torno de Elvis Presley. Assim, analisamos, neste artigo, três reportagens da imprensa brasileira publicadas sobre o astro em 1978, 1985 e 1986.⁸

Assim, em primeiro lugar, apresentamos o conceito cunhado por Mikhail Bakhtin sobre as relações dialógicas estabelecidas entre os discursos. Para Bakhtin, nenhum enunciado é totalmente isolado, ele vem acompanhado de referências, de discursos já ditos previamente. Sendo assim, toda palavra, objeto ou discurso é perpassado por outros dizeres, pelo interdiscurso, que é o que caracteriza as relações dialógicas. O dialogismo implica conceber a linguagem como um dispositivo de armazenamento da memória coletiva. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva se constrói através das relações entre os indivíduos e o sistema social, e se materializam através da linguagem. A memória coletiva, por sua vez, sofre interferências pelo processo de midiaticização que caracteriza a sociedade midiaticizada. As mídias são dispositivos midiáticos e, segundo Pollack (1989), constroem a memória coletiva a partir dos conflitos entre diversas memórias e diante do enquadramento midiático, conceito proposto por Henn (2006).

Portanto, a análise da trajetória do cantor em função dos conceitos de dialogismo, midiaticização e memória, resulta em uma compreensão ampla dos fatos que são marcas de rememoração em torno da memória coletiva de Elvis Presley construída após a sua morte. A seguir se apresentam tais conceitos de forma mais detalhada.

DIALOGISMO, MIDIATICIZAÇÃO E MEMÓRIA

Segundo Mendes (2014, p. 46), o sujeito ao realizar um discurso “deixa de ser o centro do discurso, e é sempre atravessado por, pelo menos, duas vozes sociais, que o constituem como sujeito histórico e ideológico”. O sujeito tem a sua individualidade, mas ela não deixa de ser moldada por conhecimentos previamente apresentados. Assim, o dialogismo, além de ter significação da relação com o social, pode ser entendido como a “reação da palavra à palavra de outrem” (MARCHEZAN, 2006, p. 123). Para Fiorin (2006), por sua vez, o dialogismo se estabelece entre discursos através das relações dialógicas (FIORIN, 2006, p. 166). O termo pode ser aplicado com dois sentidos: como

⁸ As análises são recortadas de nosso trabalho de conclusão de curso, em desenvolvimento, que conta com um *corpus* de maior extensão.



princípio constitutivo da linguagem, ou então, como uma forma de composição do enunciado.

O dialogismo é essencial à linguagem porque “o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo” (FIORIN, 2006, p. 167). Segundo o autor, as coisas estão envoltas por pontos de vistas e ideias, ou seja, por discursos. Fiorin (2011, p. 29) destaca que “as unidades da língua são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões”. As relações dialógicas relacionam-se, portanto, a relações de sentido entre enunciados concretos.

O conceito de dialogismo também está ligado ao sujeito e à História. A partir do entendimento que por trás de todo sujeito há diversas vozes, pode-se também entender que essas vozes são transformadas a todo momento. O mundo exterior está em constante mudança, portanto, o sujeito e suas ideias, conhecimentos e referências também se modificam (FIORIN, 2011, p. 68).

O pensamento bakhtiniano abordado acima pode ser aplicado e colaborar para diversas áreas, disciplinas e temas. Uma delas é a sua forte relação com a memória coletiva. Werstsh (2010), explica que existem várias vertentes da memória coletiva, mas todas essas são iguais em dois aspectos: “[...] a) representação do passado é vista como compartilhada pelos membros de um grupo, embora b) nenhum compromisso seja assumido com uma mente coletiva do tipo concebido numa versão forte de memória coletiva” (WERSTCH, 2010).

A memória está relacionada com os signos e, ao falar e pensar, o ser humano faz uma combinação do agente ativo e a ferramenta cultural. Ambas sempre acontecendo juntamente, nunca isoladamente. Portanto, há um “armazenamento simbólico externo”, além da sua individualidade.

Halbwachs afirma:

Não faz sentido procurar onde [as memórias] são preservadas no cérebro ou em algum recanto da minha mente à qual apenas eu tenho acesso: porque elas são lembradas por mim externamente, e os grupos dos quais eu faço parte em qualquer dado momento me dão os meios para reconstruí-las (HALBWACHS, 1992, p. 38 apud WERSTCH, 2010, p. 124).



Como exemplo, o autor menciona os músicos que não conseguem memorizar partituras complexas e necessitam lê-las para tocar instrumento. Sendo assim, parte das suas lembranças são mantidas através desse papel.

Quando Bakhtin explica o seu “sistema de linguagem”, menciona os elementos repetíveis e reproduzíveis de um texto. Dentro dele, existem dois níveis do sistema de linguagem. O primeiro, a “análise estrutural de sentenças descontextualizadas e o segundo se foca em linguagens sociais, gêneros do discurso e a cadeia de textos na qual um texto ou uma enunciação aparece” (WERSTCH, 2010).

Nesse sentido, Bakhtin apud Werstch (2010), que a palavra nunca pertence somente ao falante, e sim “metade dela pertence ao outro” (p. 293). Portanto, os discursos (muitas vezes feitos de forma inconsciente) refletem vozes de outros grupos que não estão fisicamente presentes, mas em algum momento e/ou de algum modo fizeram parte da “vida” do enunciador, mantendo essas vozes fixas em sua memória.

Nesse sentido, os meios de comunicação contribuem como materiais e dispositivos midiáticos, que constroem a memória em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, e influenciam em transformações sociais. Segundo Henn (2006, p. 178), as mídias são “dispositivos armazenadores de memória” e, ao mesmo tempo, um “ambiente para o qual converge grande parte das relações sociais e privadas”.

Para Halbwachs (1990) lido em Henn (2006, p. 178), a memória coletiva se constrói através das “relações que os indivíduos estabelecem com o sistema social e ganha materialidade nas diversas configurações de linguagem”. Segundo Henn, Montesperelli (2004) partiu da dimensão coletiva para dar foco as individualidades que constituem a memória. Seguindo esse ponto de vista, Bonin afirma que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações se mantêm com outros meios sociais” (BONIN apud HENN, 2006, p. 178).

Segundo Pollack (1989) citado em Bonin (2010, p. 3), a memória coletiva é construída a partir dos conflitos entre diversas memórias. Então, Pollack propôs o conceito de *memória enquadrada* para “pensar a construção da memória por agentes diversos”. A partir dessa perspectiva, pode-se pensar na ação das mídias em relação com a memória. Portanto, os meios de comunicação se relacionam com a memória apoiado na definição de mediação:



O conceito de mídiatização, que busca considerar os redesenhos e alterações que se dão em diversas dimensões da realidade social a partir da penetração das mídias, que nos permite pensar que também no âmbito da constituição das memórias sociais as mídias vêm atuando como matriz, racionalidade produtora e organizadora de seus sentidos, na linha proposta por Mata (1999) (BONIN, 2010, p.3).

Conforme Sgorla, “a “mídiatização” pode ser entendida como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade” (SGORLA, 2009, p. 62).

As mídias, segundo Henn (2006), contribuem para a estabelecer “um lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória”. Os dispositivos midiáticos têm a função de “convergência das dinâmicas sociais, as mídias [...] armazenam informações que se convertem em fontes para a historiografia, como também recuperam acontecimentos progressos podendo imprimir a eles novos enquadramentos” (HENN, 2006, p. 179).

Pensando na questão do enquadramento, Henn (2006, p. 179) cita o jornalismo como “um grande produtor de memória coletiva”. Traquina (2004), lido em Henn (2006, p. 179), conclui que é “impossível uma distinção radical entre realidade e os mídias noticiosos”, portanto o agendamento e o enquadramento faz surgir uma “realidade relevante”. Para Tuchman (1993), “a notícia tem a sua própria realidade interna que se entende [...] como a sua natureza semiótica que mídiatiza, portanto, a própria memória” (apud HENN, 2006, p.179).

A mídia acaba mediando a realidade, e, por consequência, as memórias. Segundo Bonin (2010), materiais midiáticos têm a função de estimular o processo de rememoração diante dos enquadramentos midiáticos.

Segundo Véron (2001, p. 15) citado em Sgorla (2009, p. 63), uma sociedade mídiatizada “estrutura-se em relação direta com a existência das mídias”. As relações sociais, a linguagem, a cultura, a política, a economia se alteram em função dessa nova dinâmica, e podemos considerar, segundo Bonin (2010, p. 2), “que cada indivíduo pode impor seu próprio estilo [...], dependendo de sua trajetória de vida, dos contextos vivenciados, entre outros fatores” nas marcas de memória coletiva que são compartilhados entre os indivíduos pertencentes a um grupo.



ANÁLISES

Para aplicação desses conceitos, foram selecionadas três reportagens que foram veiculadas na mídia impressa brasileira nas décadas de 1970 e 1980, anos após a morte do cantor Elvis Presley.

Reportagem 1

Tensão em Memphis: os fãs não podem sair à noite. *Folha de S. Paulo* (17/08/1978)

A ênfase nessa matéria se dá pela perspectiva em que o enunciador escreve sobre os acontecimentos do dia 17 de agosto de 1978 em Memphis, data em que a morte de Elvis Presley completava um ano.

Primeiramente, ao analisar o título “Tensão em Memphis: os fãs não podem sair à noite”, percebe-se que o nome de Elvis Presley não está presente, subentendendo que os leitores do jornal *Folha de S. Paulo* já sabem que Memphis é a cidade de Elvis e que todos os eventos em torno dele se passam lá. Assim, o título exige do leitor um conhecimento prévio sobre a relação da cidade com o cantor, ou seja, remete à ideia de Bahktin que todo discurso se constitui por meio de outros discursos e que todo texto leva uma ou mais referências por trás dele.

Segundo Fiorin:

[...] o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2011, p. 24).

Já a foto escolhida para a matéria, cuja legenda é “Dez mil pessoas visitaram o túmulo”, traz o túmulo de Elvis Presley e as fãs, em sua maioria do sexo feminino, à sua volta com triste semblante, carregando cartazes e objetos ligados ao Rei do Rock, na qual mostrava fãs tristes diante do aniversário de um ano de morte do ídolo, como mostrado a seguir.



Figura I

No corpo do texto, fala-se da euforia dos fãs em Graceland, mansão de Elvis, e o caos que ocorrera.

Foi num clima tenso que Memphis homenageou Elvis Presley no primeiro aniversário da sua morte, ocorrido ontem. Milhares de pessoas visitaram o túmulo do ídolo, na mansão Graceland, vigiados por 1.500 soldados da Guarda Nacional, enviados pelo governo estadual para substituírem os policiais em greve em Memphis. Na noite anterior às comemorações, um blecaute provocou tumultos em vários pontos da cidade, principalmente lembranças de Elvis, que foram saqueadas pelos admiradores. A Guarda Nacional prendeu mais de trinta pessoas, acusando-as de resistência à autoridade e violação do toque de recolher, que transformou Memphis à noite numa cidade deserta (*Folha de S. Paulo*, 1978).

A reportagem ainda retrata todo o preparo que a equipe do cantor, juntamente com cidades e empresas tiveram para que esse dia fosse inesquecível. Rádios, telejornais, eventos, LPs relançados, etc. Foi uma grande movimentação do comércio e da mídia:

Em um ano, desde a morte do cantor, comerciantes obtiveram um bilhão de dólares com a venda de velhas roupas que pertenceram ao ídolo, como excursões à sua velha casa em Mississippi, com discos, livros, camisas e camisetas com o seu nome e silhueta. O estúdio onde Presley gravou o seu primeiro disco por conta da firma “Sun Records” foi inteiramente restaurado para não decepcionar os admirados do Rei do Rock e 400 milhões de discos foram reimpressos para ser lançados em um Mercado ávido. Mas de qualquer forma, Memphis continua sendo o centro do culto. O “Jardim da Meditação, onde Elvis Presley descansa junto com a sua mãe, transformou-se em um lugar de peregrinação nacional e os comerciantes fazem todo o possível para atender a ânsia coletiva de voltar para casa com uma lembrança tangível (*Folha de S. Paulo*, 1978).



Portanto, a ideia de “santo” de Elvis Presley, de Memphis como centro do culto e a negação de todas as polêmicas e boatos de que ele era drogado que apareceram acerca do Rei do Rock, permanecia nos fãs. Segundo a reportagem em questão, a admiração e obsessão pelo cantor era tão grande, que por mais evidentes que sejam os fatos de que Elvis era um “ávido consumidor de drogas e paranoico total” isso era ignorado e negado pelo fã.

O enunciador cobre o evento de um ano de morte de Elvis relatando os sentimentos dos fãs, a imagem santificada e de herói do cantor que é tida como referência para o público. E, por outro lado, eles relatam como o comportamento desses fãs, que tem característica agressiva e revolucionária está ligado à personalidade do ídolo. O início da coluna, quando o enunciador coloca a opinião do tio de Elvis Presley sobre o evento, retrata bem esse comportamento contraditório: “As pessoas que visitaram a mansão se parecem em sua opinião a ‘um rebanho nervoso de gado, ansioso para chegar em Graceland’. Vester não acreditou que o magnetismo de Elvis durasse tanto tempo” (*Folha de S. Paulo*, 1978).

No dialogismo, isso pode ser entendido a partir da afirmação de que o sujeito tem sua individualidade, mas ela não deixa de ser apresentada por conhecimentos previamente ditos. Ou seja, o fã, apesar de ter uma personalidade única, é influenciado por outras vozes sociais, por referências que criam uma concepção sobre Elvis Presley.

Essas referências ficam guardadas, inconscientemente, na memória dos fãs. Embora cada sujeito tenha uma memória individual, ela é “um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações se mantêm com outros meios sociais” (BONIN apud HENN, 2006, p. 178).

Ainda, é interessante ressaltar que, nas reportagens, há uma surpresa não somente dos fãs, mas da família do cantor e da própria mídia por causa da aglomeração, loucura dos fãs para conseguir visitar a mansão e por ainda se mostrarem tão apaixonados e fanáticos pelo ídolo.

Esse fato se dá pelos fãs ainda terem Elvis como uma personagem vivo em suas lembranças. Essas lembranças são trazidas por meio da música, de papéis, da mídia e suas repetições. A ideia de memória e os meios para o seu resgate são explicados por Halbwachs:



Não faz sentido procurar onde [as memórias] são preservadas no cérebro ou em algum recanto da minha mente à qual apenas eu tenho acesso: porque elas são lembradas por mim externamente, e os grupos dos quais eu faço parte em qualquer dado momento me dão os meios para reconstruí-las (HALBWACHS, 1992, p. 38 apud WERSTCH, 2010, p. 124).

O enunciador enfatiza a ideia de que a linguagem verbal e visual ficam guardadas numa memória virtual que, a qualquer momento, está pronta para aparecer. A memória é também criada pela mídia, que pode ser classificada como um instrumento para depósito de memórias, ou local conversor de vozes sociais e individuais (HENN, 2006).

Além disso, segundo a reportagem, Elvis seria somente mais um fenômeno da música americana que desapareceria pouco tempo depois. Não se imaginava que essa loucura coletiva que tem sido registrada um ano após a sua morte e fosse continuar não somente por alguns anos, mas por décadas, até os dias atuais.

Reportagem 2

Retrato do rei: Gravações de 1970 mostram Elvis em boa forma. Revista *Veja* (24/09/1986)

A segunda reportagem, veiculada pela Revista *Veja* em 1986, retrata a carreira de Elvis Presley ressaltando suas três diferentes fases: antes de 1958, depois de 1958, e os últimos anos que antecederam sua morte em 1977:

Elvis foi um revolucionário da música e dos costumes. Depois, um bombom açucarado dos filmes de Hollywood e, nos anos que antecederam a sua morte, em 1977, um astro decadente (Revista *Veja*, 1986).

A reportagem da *Veja* retrata a carreira do Rei do Rock e seu talento de modo que a vida pessoal do cantor interferisse diretamente em sua trajetória. O enunciador primeiramente dá ênfase a suas polêmicas, comportamentos e forma física para depois falar do sucesso do seu álbum lançado em 1970 mesmo estando, segundo o texto, “um pálido fantasma”. Ainda que achasse essa divisão injusta, a linguagem usada e a forma em que ela é colocada pelo enunciador é de estilo ácido:



A divisão é injusta. Se o Elvis dos últimos anos, sem voz e com muitos quilos a mais, era um pálido fantasma do próprio passado, ao empreender sua volta aos palcos, em 1970, ele teve momentos de brilho (Revista *Veja*, 1986).

A justificativa que a revista dá para a má fase da carreira de Elvis Presley se dá pela polêmica na vida pessoal do cantor, mostrando a importância e a preocupação dos fãs com sua aparência física e seu estado mental, refletindo em sua carreira musical.

Ainda no título da coluna “Retrato do rei: gravações de 1970 mostram Elvis em boa forma”, existe um trocadilho na palavra “boa forma”, em que o jornal quer mostrar que apesar da sua má forma física, o álbum lançado era de ótima qualidade e resgatava sua antiga fase, vista como uma fase de sucesso.

Embora, no começo da coluna, o enunciador caracterize o ídolo de forma degradante, no último parágrafo, ele exalta o talento do cantor exposto através do álbum *On stage*.

O Elvis que se ouve ao longo do disco é um cantor de voz ainda irretocável, poderosa, sem os fundos arranhões causados pelas drogas que passariam a dominá-lo. Um cantor cheio de energia, disposto a recuperar o antigo carisma dos anos em que reinava à frente do rock (Revista *Veja*, 1986).

Desse modo, segundo Mendes (2014, p. 46), “a natureza dialógica da linguagem não se refere a apenas enunciados acabados. Igualmente, por tal princípio, enunciados se constituem em relação aos anteriores e posteriores, de forma responsiva, numa cadeia comunicativa incessante”. Ainda, segundo terceiro conceito de dialogismo de Fiorin (2011, p. 67), “o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação.”

Para que o enunciador pudesse construir uma ideia sobre o cantor relatando sobre sua forma física e suas diferentes fases, ele resgatou referências de outros textos que estavam inseridos em sua memória, mas sem deixar de lado sua opinião particular. “O sujeito não é completamente assujeitado, pois ele participa do diálogo de vozes de uma forma particular, porque a história da constituição de sua consciência é singular” (FIORIN, 2011, p. 71).

Para Halbwachs (1990) citado por Bonin (2010, p. 2), a partir do conceito de mediatização reforça essa ideia que, “a memória coletiva é pensada como a seleção,



interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado”. Porém, apesar de a memória ser construída por meio dessas relações sociais, existe uma margem para a individualidade, para o estilo, estilo, para o inacabamento característico das relações dialógicas.

Reportagem 3

Elvis Presley, o dia dos 50 anos em todo o mundo – *Estado de S. Paulo* (08/01/1985)

A terceira reportagem trata das comemorações do aniversário de 50 anos de Elvis Presley, se estivesse vivo. No primeiro parágrafo:

Um dos maiores fenômenos da música pop em todos os tempos. O “Rei do Rock”. O cantor que provocou uma verdadeira revolução de comportamento nos anos 50. Elvis Presley pode ser definido de várias formas, mas até hoje estudiosos de todo o mundo não sabem explicar o mito que envolve o cantor, nascido no dia 8 de janeiro de 1935. Elvis continua vivo na memória de milhares de fãs, que hoje vão celebrar os 50 anos de seu nascimento (*Estado de S. Paulo*, 1985).

Ainda no primeiro parágrafo, há uma relação dialógica direta com a memória. O enunciador, ao mencionar que “Elvis continua vivo na memória de milhares de fãs, que hoje vão celebrar os 50 anos de seu nascimento”, permite que nos respaldemos nos conceitos supracitados para afirmar que textos são compartilhados entre as pessoas e, mesmo que inconscientemente, cria-se uma memória coletiva na qual, segundo Zerubavel (2003), citado em Wertsch (2010), os membros de uma “comunidade mnemônica” compartilham o mesmo conjunto básico de recursos semióticos.

Esse grupo está refletindo vozes de outros grupos que, em algum momento, fizeram parte da sua história/memória. Isso remete ainda à ideia bakhtiniano de que a consciência é sociosemiótica, ou seja, ela é formada pela sociedade, pela História e pela comunicação social. Sendo assim, os enunciados não são criados a partir do individual, e sim do coletivo. Eles refletem uma realidade, o mundo afora e, junto com eles, se transformam (FIORIN, 2011, p. 67-70).

No segundo parágrafo, o enunciador escreve sobre o evento de aniversário de 50 anos de Elvis Presley em que milhares de fãs foram a Memphis para visitar a mansão do Rei do Rock, que virou um museu do ídolo. O parágrafo termina com “Elvis Presley 1935-1977. Um dia especial para os fãs que vão celebrar emocionados o dia em que Elvis teria 50 anos, se não estivesse morrido há alguns anos, vítima da bebida e do



excesso de drogas” (*Estado de S. Paulo*, 1985).

O enunciador afirma que a causa da morte do cantor foi devido ao excesso de drogas e da bebida. Segundo Braz Junior (2004, p. 68), Elvis foi encontrado na tarde de 16 de agosto de 1977 morto devido a uma parada cardíaca em sua casa. Isso mostra que há divergências entre as causas da morte do cantor e que o enunciador concluiu o parágrafo embasando-se em outros textos. Isso ocorre uma vez que todo texto tem um ou mais textos por trás dele e porque relações dialógicas estão aliadas a vozes sociais, ou seja, elas podem ser polêmicas ou não, contraditórias ou não (FIORIN, 2011).

No terceiro parágrafo:

A morte aumentou ainda mais o mito, que hoje é estudado por psicólogos e sociólogos dos Estados Unidos. Os jornais e as emissoras de rádio e TV já programaram uma centena de especiais dedicados a ele. Os estudiosos afirmam que ele não foi apenas um bom cantor, mas foi adiante, provocando uma “verdadeira revolução na consciência puritana do norte-americano médio” (*Estado de S. Paulo*, 1985).

Nesse trecho final em que o enunciador diz “verdadeira revolução na consciência puritana do norte-americano médio”, há uma relação dialógica com o puritanismo, definido como:

Movimento em prol da reforma completa da Igreja da Inglaterra que teve início no reinado de Elizabeth I (1558) e continuou por mais de um século como uma grande força religiosa na Inglaterra e também nos Estados Unidos. “Uma versão militante da fé reformada” (WALLACE JUNIOR apud MATOS, 2011).

Sucesso de Elvis, além de influenciar o norte-americano revolucionando até seu modo de pensar, atingiu e influenciou pessoas de inúmeras nacionalidades. No dia 8 de janeiro de 1985, Brasil também teve suas comemorações:

No Brasil, estão sendo programadas comemorações principalmente nas cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e São Paulo. No Rio, os fãs de Elvis encomendaram uma missa in memoriam; em Curitiba, está sendo organizado um grande baile para dia 12; e em São Paulo, o Centro Campestre do Ses programou um mês de atividades, começando amanhã e se estendendo até 10 de fevereiro. Lá, uma exposição, organizada através de um levantamento dos quatro fãs clubes de Elvis na cidade, terá mostra de botões [...] (*Estado de S. Paulo*, 1985).

Diante disso, entende-se que o Rei do Rock não só era motivo de alvoroço para os fãs, mas como também para o comércio nas datas comemorativas relacionadas ao



cantor que via como oportunidade faturamento criando eventos, exposições e festas para os fãs. Elvis, considerado um “mito”, gerou polêmica e foi pivô para revoluções em comportamento, despertando curiosidade de estudiosos.

A partir do conteúdo abordado na reportagem e do conceito de midiatização, pode-se compreender que os assuntos aí relatados são aqueles que foram compartilhados entre grupos sociais e reproduzidos através dos meios de comunicação. A mídia (re)cria a realidade social presente na sociedade, ou seja, ela narra as experiências vividas que são gravadas na memória coletiva (BONIN, 2006, p. 2-3).

Esse processo, chamado de “processo de midiatização”, acontece a partir das “necessidades determinadas pelas sociedades capitalistas”, que se potencializou com a ascensão da tecnologia e dos meios digitais, porém nos veículos tradicionais como o jornal impresso, também existe a influência na vida cotidiana dos “atores sociais individuais e coletivos” (SGORLA, 2009, p. 61-63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos abordados nas reportagens e a exploração desses temas na mídia refletem vozes de outros grupos sociais, e outros textos já ditos previamente. Os enunciadores estabelecem relações dialógicas com discursos alheios já apresentados que ficam presentes na memória coletiva/social. Esses textos, compartilhados inconscientemente, são criados pela sociedade, pela História e pela cadeia de comunicação incessante, característica constitutiva do caráter dialógico da linguagem em ação. São elementos repetíveis e reproduzíveis que corroboram para a construção de uma memória coletiva, e que são transformados a todo tempo.

As mídias contribuem como materiais e dispositivos midiáticos capazes de construir a memória em função do enquadramento dado a certo assunto. Os meios de comunicação acabam mediando a realidade e, por consequência, as memórias. Tudo isso acaba reverberando no conceito de dialogismo, pois, se temos acesso à realidade, o fazemos por meio da linguagem. Portanto, a memória em torno de Elvis Presley, que é coletiva e social, existe enquanto uma relação entre conteúdos de enunciados – o dialogismo – que encontra no fenômeno da midiatização uma materialização desses discursos que circulam socialmente.



REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani Adriana. Mídia e memórias sociais: Recepção midiática e configurações de memória *italiana* (RS). **Revista Contracampo**. Niterói, n.20, p. 79-93, ago. 2009.

BONIN, Jiani Adriana. **Investigando memórias midiáticas: questões metodológicas, pistas e constatações**. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19, 2010, Rio de Janeiro.

ELVIS PRESLEY, o dia dos 50 anos em todo o mundo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1985. p. 13.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin. Outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

FIORIN, José. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS JUNIOR, Osmar. Tensão em Memphis: os fãs não podem sair a noite. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 1978. Caderno Ilustrada. p. 1.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiática. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Rio Grande do Sul, v.8, n.3, p. 177-184, set/dez 2006.

JUNIOR, Odair. **Elvis**. São Paulo: Editora Abril, 2004.

MARCHEZAN, Renata Coelho. *Diálogo*. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin. Outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

MATOS, Alderi Souza de. **Os puritanos: sua origem e sua história**. 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7058.html>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

MENDES, Conrado Moreira. Dialogismo e tensividade. **Estudos Semióticos**. Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse> i. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. São Paulo, v.10, n.2, p. 45-52, dez 2014. Acesso em “22/04/2015”.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de mediação”. **Revista Mediação**. Belo Horizonte, v.9, n.8, p. 60-68, jan/jun 2009.

SOUZA, Okky. Retrato do Rei: Gravações de 1970 mostram Elvis em boa forma. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, n. 943, 24 set. 1986. p. 157.

WERTSCH, James V. Texto e dialogismo no estudo de memória coletiva. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.36, n. Especial, p. 123-132, 2010.